

Memória e organização da subjetividade na escrita autobiográfica de Herta Müller

Adriana Yokoyama¹

Rosani Úrsula Ketzer Umbach²

O papel principal da memória é conservar não simplesmente as ideias, mas a sua ordem e sua posição.

David Hume

Titel: Erinnerung und Organisation der Subjektivität in autobiographischen Texten Herta Müllers

Title: Memory and organization of subjectivity in the autobiographical writing of Herta Müller

Palavras-chave: Herta Müller; Memória; Subjetividade

Schlüsselwörter: Herta Müller; Erinnerung; Subjektivität

Key-words: Herta Müller; Memory; Subjectivity

Introdução

Este trabalho é fruto da constatação do poder que a literatura tem em contribuir para o restabelecimento do equilíbrio e da condição humana. Tal evidência foi ainda mais intensificada a partir do contato com o discurso literário de uma escritora romena, porém, radicada na Alemanha, e pouco pesquisada pela academia brasileira, Herta Müller. Nascida em 1953, emigrou para a Alemanha em 1987, aos 34 anos, após se recusar a colaborar com o serviço secreto do país. Sua escrita poética e intensa revela a

¹ Doutoranda (Bolsista Capes) em Estudos Literários na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), orientada pela Prof.^a Dr.^a Rosani Úrsula Ketzer Umbach e participante do grupo de pesquisa “Literatura e Autoritarismo”. E-mail: adriana.yokoyama@hotmail.com

² Rosani Úrsula Ketzer Umbach é professora titular do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e coordenadora do grupo de pesquisa “Literatura e Autoritarismo”. E-mail: rosani.umbach@gmail.com

qualidade de textos que, cerceada pelas memórias do período ditatorial da Romênia, imprime seu diferencial pela forma poética como entrelaça suas experiências e a do *outro*, mesmo tomada pelos traumas deixados pela repressão. A escritora mescla em suas obras, não apenas os relatos de sua vida enquanto cidadã romena e vulnerável à ditadura, mas também à ficção, entremeada por histórias de personagens marginalizados que vivem sob a sombra do medo, das incertezas em relação aos relacionamentos humanos e da **incalculabilidade** da vida. Nesse sentido, o presente trabalho pretende abordar a relação entre memória (individual, coletiva e corporal) e literatura, evidenciando-a como um processo essencial na reconstrução da identidade. Dessa forma, a problematização da violência e do autoritarismo, em seu caráter político e resistente, irá nortear as reflexões e os questionamentos sobre as relações entre ficção e realidade presentes na composição de três obras da escritora: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* (2012), *Fera d'alma* (2013) e *Tudo o que tenho levado comigo* (2011).

Os temas aqui propostos: a relação da memória com os registros narrados, o contexto autoritário, repressivo e altamente violento da ditadura, além da ligação entre ficção e realidade, estabelecem pontos de contato entre as obras por intermédio de uma linguagem fraturada e traumática, expondo as feridas não cicatrizadas de subjetividades em crise, submersa em dores e angústias, sobretudo pela imposição do autoritarismo. Nesse sentido, o ato de narrar e a força de reelaboração do trauma, pela palavra escrita, é uma tentativa de (re)construção da identidade e do equilíbrio pessoal que ocorre a partir da (re) organização da memória individual, coletiva e corporal no fluxo do tempo. A narrativa de *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* (2012) é um registro de dezoito ensaios autobiográficos de Herta Müller. Neles constam algumas palestras e conferências realizadas pela escritora, discursos de agradecimento aos prêmios recebidos, incluindo o Nobel de Literatura em 2009, além dos registros, em forma de denúncia, de suas recordações da ditadura comunista de Nicolae Ceausescu (1965-1989).

Em *Fera d'alma* (2013) é descrito o relato de uma jovem estudante tradutora de manuais técnicos em uma fábrica da Romênia e mais três amigos, todos pensadores e leitores de livros proibidos pelo governo que, enviados para trabalharem nas fábricas do interior das cidades, sofrem o medo e as angústias de serem capturados pela polícia e perderem suas liberdades. A narrativa rememora a amizade com seus amigos da faculdade e familiares, porém, sempre norteadas pela iminência da captura e,

principalmente, da tortura. No terceiro romance *Tudo o que tenho levado comigo* (2011), a história de Leopold Auberg, um jovem de 17 anos, homossexual, enviado para um campo de trabalho forçado para reconstruir a URSS, é tema que norteia a obra. Vivendo em condições desumanas, ameaçado pela iminência da fome e da morte, Leo apega-se as palavras de sua avó no momento de sua despedida dizendo: “Eu sei que você vai voltar”, para sobreviver.

Nesse contexto, pretendemos mergulhar na escrita de Herta Müller e evidenciar toda a trajetória de uma inquietação passada, que se reflete no presente, por meio da alteridade, sem deixar de conduzir ao direcionamento autoritário do Estado, pois será esse Estado violento e corrosivo, capaz de desestabilizar o indivíduo por suas práticas repressivas, que nos conduzirá aos caminhos construídos pela literatura de Müller. Nosso intuito é comprovar que, no uso de sua memória individual, em relação à repressão sofrida no período ditatorial, a escritora, ao compor o seu discurso, seja ele ficcional ou não-ficcional, refere-se não apenas a uma memória mental, mas, sobretudo, a uma memória corporal (Umbach 2008: 18) que, por intermédio da subjetividade e sua visão do outro, auxilia na compreensão do seu papel social e contribui para a (re)construção de identidades, além de apresentar o papel da literatura em atuar como fonte de equilíbrio e não-esquecimento “quando os valores se descarrilam” (Herta 2012: 23). As obras, unidas, ganham espaço em nosso trabalho pela formação e construção de uma linguagem que possibilita o encontro dos estudos memorialísticos, a partir da violência e dos traumas, no processo de apreensão e construção identitária e no equilíbrio individual proporcionado pela literatura.

As marcas da escrita mülleriana

Investigar a significação de uma obra literária é uma atividade dinâmica que demanda uma pesquisa muito além da superficialidade. Essa prática encontra nas produções de Herta Müller, mencionadas neste trabalho, a possibilidade de mergulhar no cerne de questões importantes sobre a história da humanidade e seus reflexos sobre os seres humanos que vão além do basilar. Cerceada pelo registro da violência humana, sua narrativa “traz a escrita do corpo para o centro da cena literária” (Seligmann-Silva 2012: 47), através de relatos contra as arbitrariedades e as injustiças de um sistema imposto pela ditadura de Nicolae Ceausescu, na Romênia. Durante o período de 1965 a

1989, o ditador megalomaniaco, liderou com mãos de ferro uma Romênia assombrada pelo medo e pela falta de liberdade de expressão. O regime ditatorial de Ceausescu, apoiado pela polícia secreta (Securitate), consolidava o poder desse sistema limitando as liberdades, os meios de comunicação, prendendo, torturando e eliminando os cidadãos que manifestavam qualquer espécie de oposição ao governo. Entretanto, em face de inúmeros problemas financeiros e nepotismos, algumas instituições, assim como o Exército romeno, encontravam-se divididas em suas opiniões. O regime começou a se desintegrar a partir de intensas manifestações contra a ditadura, tendo como parte integrante desta luta, alguns setores do Exército. Sendo assim, Nicolae Ceausescu e sua esposa foram capturados e condenados a morte, encerrando seu ciclo no regime ditatorial (Acervo O Globo, 2014).

Esse período foi norteador por inúmeras incertezas quanto à sobrevivência, típica da instabilidade de países que foram dominados pelo regime da ditadura. Em meio a esta desordem social, Herta Müller viveu asfixiada por essa atmosfera repressora. Seu pai, romeno de origem alemã, fez parte de uma das piores tropas nazistas (SS), sua mãe foi deportada para realizar trabalhos forçados (quando jovem), afastando-se por cinco anos de sua família. Nesse contexto, a escritora teve sua vida marcada pelos efeitos do terror e da constante vigilância pelo regime comunista de Ceausescu, e, na tentativa de sobreviver utilizou-se da literatura para registrar a violência e a capacidade do ser humano em executá-la.

Na esteira dessas experiências, a violência perpetrada pelo regime encontra na história uma explicação para sua existência. Pois, desde os tempos mais remotos, a violência vem cercando a sociedade de maneira intensa e desordenada. São sábias as palavras de Bastos, Cabral e Rezende (2010: 41): “onde existem seres humanos, de algum modo existe violência” por encontrar-se entrelaçada à história da sociedade. Inúmeras guerras em defesa de territórios e instituições serviram-se da força bruta como resposta a sua soberania e em defesa de seus interesses. Essa força extrema “não é algo que possuímos, mas uma possibilidade de ser que nos estrutura” (Bastos; Cabral; Rezende 2010: 41). Essa possibilidade **de ser**, referida por Bastos (2010), está intrinsecamente relacionada à questão do poder e da violência, de acordo com Hanna Arendt em seu livro *Sobre a violência* (1994). Para a filósofa, embora poder e violência sejam termos extremamente opostos, eles se encontram entrelaçados; mas um só existirá a partir da desintegração do outro, por entender que “a violência destrói o poder, não o cria” (Arendt 1994: 8).

Essa concepção traz à tona considerações relevantes se considerarmos a violência como uma prática **naturalizada** pela humanidade. Arendt (1994: 16) clarifica nossa compreensão ao descrever que “ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos”. Esse papel que se apresenta como um elemento essencial para a continuidade de um sistema rompe com a representação do poder pela tentativa de manter a manutenção, pois, ainda de acordo com Arendt (1994:18), “a soma de violência à disposição de qualquer país pode rapidamente deixar de ser uma indicação do vigor do país, ou uma garantia segura contra a sua destruição por um poder substancialmente menor e mais fraco”.

Esse vigor, compreendido pela representação do poder, ameaçado, recorre a seu último recurso de manutenção: a violência. Essa perspectiva é concebida pela filósofa como a representação de uma natureza instrumental da violência; utilizada como meio e dependente de uma orientação (poder). Sendo o poder inerente à própria existência das comunidades políticas e legítimo, a partir da união de um conjunto de pessoas com a mesma ideologia, a violência apresenta-se como um instrumento ilegítimo para alcançar seus objetivos. Nessa esfera política e social,

Aqueles que se opõem à violência com o mero poder rapidamente descobrirão que não são confrontados por homens, mas pelos artefatos humanos, cuja desumanidade e eficácia destrutiva aumentam na proporção da distância que separa os oponentes. [...] Em nenhum outro lugar fica mais evidente o fator autodestrutivo da vitória da violência sobre o poder do que no uso do terror para manter a dominação, sobre cujos estranhos sucessos e falhas eventuais sabemos talvez mais do que qualquer outra geração anterior. O terror não é o mesmo que a violência; ele é, antes, a forma de governo que advém quando a violência, tendo destruído o poder, ao invés de abdicar, permanece com controle total (Arendt 1994: 44-45).

Nesse sentido, somos impelidos a compreender que a violência advém das relações de poder, do interesse de um grupo de indivíduos com os mesmos objetivos que, desconsiderando a sociedade, excede-se em práticas violentas que desestruturam a subjetividade humana. Vitimada por esse sistema, Herta Müller, em seu instinto de sobrevivência e personificada por uma alma dissidente, recobre de poesia os inúmeros relatos de uma história sob a perspectiva dos desapossados, dos indivíduos que vivem às margens de uma cultura marcada pela expressão da violência humana.

Nessa trajetória, a memória assume um papel fundamental na construção dos relatos. A leitura de *Memória e Identidade Social*, de Michael Pollak (1992), é um dos materiais essenciais na consolidação de nossas pesquisas por nos fazer compreender os

liames que vão desembocar na (re)construção da identidade auxiliada pela memória.

Para ele,

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (Pollak 1992: 201).

Analisando as narrativas de Müller, à luz das considerações de Pollak (1992), podemos perceber o quão entrelaçadas estão às concepções sobre a memória individual e coletiva em suas obras. A obra *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* (2012), por conter relatos de suas experiências pessoais no regime da ditadura, cerca-se da descrição de Pollak (2012) por estar vinculada a uma memória individual, contudo ela se torna também coletiva por agregar relatos de amigos e familiares, além das percepções adquiridas no contexto social. Este fato revela-se ainda mais concreto ao considerarmos as obras *Fera d'alma* (2013) e *Tudo que tenho levado comigo* (2011), pois são narrativas ficcionais atravessadas por um discurso que contém não apenas a sua **verdade** como também a do outro. São os elementos definidos por Pollak (1992), que constituem as memórias individuais e coletivas:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (Pollak 2012: 201).

É dessa forma que a narrativa de Müller se constitui: das experiências empíricas e dos relatos intermediados pelo *outro*. Esse processo busca, por intermédio da memória, encontrar no passado a compreensão da condição humana e uma possível solução social para a coletividade. Essa memória mental, referenciada como um veículo capaz de contribuir para a produção das narrativas de Müller, encontra apoio em outra especificidade da memória: a memória corporal. A nomenclatura, formulada por Aleida Assmann, em seu livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011) tem em sua essência a representação do corpo como um meio em si. Essa memória corporal refere-se às lembranças involuntárias, que não estão à disposição do livre arbítrio; é o corpo que surge “como metáfora, como repositório da memória de

experiências traumáticas” (Umbach 2008: 18); e a via para expurgação desses traumas revela sua eficiência quando relacionada à escrita. Segundo Assmann (2011),

As escritas do corpo surgem através de longa habituação, através de armazenamento inconsciente e sob a pressão da violência. Elas compartilham a estabilidade e a inacessibilidade. Dependendo do contexto, serão avaliadas como autênticas, persistentes ou prejudiciais. Quando se trata de descrevê-las, a estrutura material da memória desempenha papel essencial (Assmann 2011: 260).

É a partir dos estudos de Friedrich Nietzsche que seremos conduzidos ao aprofundamento teórico da memória, pois “ele transformou de maneira decisiva a noção de uma escrita do coração íntima e interiorizada e, com isso, aplicou a metáfora da memória como escrita a uma nova base” (Assmann 2011: 263). Essa base associa a memória às instituições de violência e poder. Em sua tese sobre “A dor como acessório mais poderoso da mnemotécnica” Nietzsche, através da retórica, faz a seguinte pergunta:

Como se cria uma memória para o animal humano? Como se entalha nesse entendimento encarnado, alguma coisa de modo que ela permaneça ali? E a resposta: ‘Marca-se com fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que termina, o que dói, fica na memória’ (Assmann 2011: 263).

São esses rastros deixados pela dor da violência, que faz da escrita de Herta Müller o material mais profundo para a composição de suas obras. Esse percurso, amparado pela literatura, é conduzido por um sentimento de busca, mas ao mesmo tempo de luta. Ancorados por essa percepção, somos conduzidos a análise de uma relação que se torna o **fiio condutor** das obras mencionadas, principalmente, de *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* (2012). Essa relação que evoca um aprofundamento das relações entre literatura e suas produções parecem estar atreladas à especificidade de uma **literatura empenhada**, segundo Antonio Candido em seu ensaio “Direito à literatura” e que “corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade” (Candido 2011: 188). Diante de tal constatação, nossas análises direcionam-se na mesma linha de pensamento, pois é Zila Bernd (1992) que nos dá suporte ao declarar que,

[...] as literaturas dos grupos discriminados - negros, mulheres, homossexuais - funcionam como o elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os campos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação. [...] o discurso literário produzido nessas circunstâncias é marcado

pelo desaparecimento do “eu” em favor de um nós coletivo [...] (Bernd 1992: 13).

É por intermédio dessa **literatura empenhada** que compreendemos a amplitude das relações existentes entre memória, produção literária e a concepção do outro como elemento essencial para a (re)construção da identidade. Partindo dos princípios memorialísticos, a amálgama de nossas reflexões advém da perspectiva do teórico Wolfgang Iser (apud Umbach 2008: 13), defendendo a ideia de que ficção e realidade possuem em si uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que nos textos ficcionais encontram-se elementos da realidade, nos textos não-ficcionais podemos encontrar também elementos ficcionais. Ainda em nosso auxílio, Paul Ricoeur (apud Umbach 2008: 13), refere-se, neste mesmo artigo, à *mimésis* como a teoria literária da construção ativa de realidades, no sentido da *poiesis*, da **imitação criadora**. Esta análise, que nos propõe a reflexão do envolvimento da memória neste fenômeno é segundo Ricoeur (apud Gagnebin 1998: 6), na citação de Jeanne Marie Gagnebin, em seu artigo *Verdade e memória do passado*, “a ficção remodelando a experiência do leitor pelos únicos meios de sua irrealidade, a história o fazendo em favor de uma reconstrução do passado sob as bases dos rastros deixados por ele”.

Conclusão

A força da construção da narrativa de Herta Müller deixa clara, a sua sensibilidade em inserir no espaço literário as experiências de muitos indivíduos vitimados pelos regimes totalitários, de maneira autêntica, produzindo uma narrativa cuja precisão e inteligência marca um discurso político e resistente. O confronto das obras *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* (2012), *Fera d'alma* (2013) e *Tudo o que tenho levo comigo* (2011) objetivou, impulsionado pela reflexão sobre o autoritarismo do Estado, demonstrar a estreita relação que há entre a memória e a literatura na construção de narrativas baseadas no contexto ditatorial, calcadas por uma arte representada pela veracidade, sem a omissão dos fatos, pelo equilíbrio e pela sobrevivência, além de pontuarmos a descrição de narrativas reais configuradas no contexto ficcional. Pois, embora a construção da narrativa mülleriana refira-se a fatos reais da história da humanidade, ela não se exime de imprimir a marca ficcional por entender que só a ficção é capaz de dar conta dessas atrocidades.

Dessa forma, a escrita dissidente e resistente de Müller pontua um discurso que tem em seu cerne as memórias de um dos períodos mais violentos da história da humanidade, descrevendo de maneira ética esses registros com exatidão, profundidade e poeticidade, e induzindo seu leitor a mergulhar no cerne da problematização histórica e fazê-lo perceber os efeitos desse sistema sobre os indivíduos. Portanto, a atitude de Müller em narrar o que parece inenarrável cerca-se, antes de tudo, de uma necessidade primordial de sobrevivência individual, mas também coletiva. Pois, o ato de narrar e a força de recuperação do trauma, pela palavra escrita, é uma tentativa de (re)construção da identidade e do equilíbrio pessoal desses indivíduos que, dessubjetivados, se veem às margens da sociedade, marcando uma escrita dos desapossados.

Referências bibliográficas

- Ditador da Romênia governo com mão de ferro por 25 anos e foi executado com a mulher.** Rio de Janeiro, 20 fev. 2014. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/revolta-militar-popular-derrubou-nicolae-ceausescu-em-dezembro-de-1989-11662231>>. Acesso em: 25 out. 2016.
- Arendt, Hanna. *Sobre a violência*. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- Assmann, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 15-27; 259-276.
- Bastos, Aguinaldo de; Cabral, Alexandre Marques; Rezende, Jonas. *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 42-62.
- Bernd, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da universidade, UFRGS, 1992, p. 9-19.
- Candido, Antonio. *Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-194.
- Gagnebin, Jeanne Marie. *Verdade e memória do passado*. Projeto História, São Paulo, (17), nov. 1998. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11147/8178> Acesso em: 20 de outubro de 2014.
- Müller, Herta. *Fera d'alma*. Trad. Claudia Abeling. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2013.
- _____. *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Trad. Claudia Abeling. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2012.
- _____. *Tudo que tenho levo comigo*. Trad. Claudia Abeling. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2011.
- Pollak, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 20 de outubro de 2014.

- Seligmann-Silva, Marcio. Livros: O corpo da literatura. *Revista Cult. Dossiê: Mal-estar na cultura*, São Paulo, n. 168, p.46-47, 2012. Mensal.
- Umbach, Rosani Ketzer. (Org.) *Memórias da repressão*. Santa Maria: UFSM; PPGL Editores, 2008, p.13-22.